

Função cultural da Biblioteca Moderna

O sentido etimológico, que emprestou força e prestígio às primeiras bibliotecas, tornou-se idéia entravadora e retrógrada, transformando a “casa do livro” em simples depósito, ao qual acorriam apenas os grandes estudiosos ou os desprotegidos da fortuna. A biblioteca do século passado, antiga e antiquada, haveria de ceder lugar a organismo, cujo dinamismo e funcionalidade ficariam expressos na fórmula feliz: “um livro para cada leitor e um leitor para cada livro”.

Arthur E. Bostwick caracteriza como verdadeiro “processo de socialização” a renovação física e fisiológica por que passou a biblioteca de nossos dias, com seus ambientes atrativos, acolhedores e confortáveis, acesso livre às estantes, serviço de empréstimo domiciliar e, sobretudo, com a democratização de sua clientela ampliada.

A instituição, outrora estática, quasi uma “torre de marfim”, orgulhosa de seu esplêndido isolamento, saiu a campo para uma tarefa, aparentemente mais prosáica, certamente mais singela: conquistar o pequeno leitor anônimo. Os números, que mais a interessam, não são mais os das riquíssimas coleções bibliográficas, esquecidas do público, mas zelosamente guardadas pelo bibliotecário, — e sim os dos volumes em circulação, usados até o desgaste. Seu pensamento dominante é criar um “mercado” para “vender”, por preço de nada, a idéia da boa leitura. Vale dizer que sua eficiência não pode ser apreciada em quantidade, mas em qualidade, pois se enquadra nitidamente como tarefa educacional e cultural.

Em relação ao leitor adulto, poder-se-ia supor que a disseminação da leitura seria hoje mais fácil, com os atuais regimes humanizados de trabalho, quando, até o século passado, eram de dez, doze ou até catorze horas de labor diário. Entretanto, as horas de lazer, deixadas livres, vêm sendo progressivamente invadidas pelo rádio, com os seus noticiários, novelas e rádio-teatro, pelo cinema e por outros meios de fuga e de “matar o tempo”. Para muitos ainda predomina a leitura de jornais e revistas, entremeada com a procura eventual e rápida de um verbete de enciclopédia. Outros absorvem vastas quantidades de obras de ficção ou de literatura policial em pequenas bibliotecas circulantes, via de regra insatisfatórias.

Por outro lado, é interessante notar os resultados das acuradas estatísticas norte-americanas. Se demonstraram vir diminuindo, até antes da guerra, a leitura de livros de ficção, e aumentando a dos de história, sociologia, política, economia, arte, viagens, vulgarização científica, etc., mostrando certo levantamento geral do grau de cultura, — também

evidenciaram haver restrição da área da clientela. E durante e após a guerra, registrou-se novo surto da leitura de ficção.

Aqui ou alhures, o grande problema da biblioteca moderna parece ser o mesmo: conquistar o leitor que pode lêr, mas não lê, ou poderia lêr melhor.

Daí um corolário. Para servir à missão, que a biblioteca moderna tomou em suas mãos, impõe-se o melhoramento do padrão cultural dos bibliotecários.

Integrando sua Biblioteca no movimento renovador, iniciado há poucos anos entre nós, o D. A. S. P. promoveu os primeiros cursos de formação profissional daqueles que desejavam se adaptar ao novo aspecto dinâmico, imprimido à questão. Depois, como era lógico, transferiu essa atribuição à nossa principal instituição do gênero, — a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Dia virá em que será possível, como já é desejável, dar um passo avante e, seguindo o exemplo da Europa e dos Estados Unidos da América, integrar os cursos de biblioteconomia nos currículos universitários.